

Luto Infantil: trilhando o caminho de mãos dadas

Hand in hand along the journey: reflections on childhood grief

Ediene Wendt¹ e João Fernando de Moraes Trois²

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre o luto infantil e assuntos relacionados à morte de um ente querido, como enfermidades, rituais, manejo das expressões emocionais, entre outras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de levantamento de referências teóricas já elaboradas e publicadas no campo da psicologia. Considera que com as transformações ocorridas na sociedade contemporânea, surge um novo modo de morrer, caracterizado pela interdição da morte e seu silenciamento, especialmente em relação às crianças. Neste sentido, tende-se a pensar que é saudável poupar as crianças da dor da perda, da exposição aos rituais fúnebres e dos diálogos sobre a morte. No entanto, há teóricos da psicologia que defendem a necessidade de transparência na comunicação sobre a morte, e oportunidades de participação das crianças em rituais de despedidas, bem como de expressões dos sentimentos. A criança privada de tais oportunidades pode encontrar mais dificuldades no processo de adaptação à perda, com consequências, inclusive, na vida adulta. Ao invés de afastar as crianças das questões relacionadas à morte, é imprescindível que as pessoas adultas estejam cientes sobre a sua responsabilidade no processo de elaboração do luto e estejam aptas a dar o devido suporte à criança em sofrimento.

Palavras-chave: Luto infantil; Morte; Rituais.

Abstract: This article seeks to reflect on child

mourning and issues related to the death of a loved one, such as illnesses, rituals, management of emotional expressions, among others. This is a bibliographical research, based on a survey of theoretical references already elaborated and published in the field of psychology. It considers that with the transformations that have taken place in contemporary society, a new way of dying emerges, characterized by the interdiction of death and its silencing, especially in relation to children. In this sense, there is a tendency to think that it is healthy to spare children the pain of loss, exposure to funeral rituals and dialogues about death. However, there are psychology theorists who defend the need for transparency in communication about death, and opportunities for children to participate in farewell rituals, as well as expressions of feelings. The child deprived of such opportunities may find it more difficult to adapt to the loss, with consequences even in adult life. Instead of keeping children away from issues related to death, it is imperative that adults are aware of their responsibility in the process of mourning and are able to support the suffering child

Keywords: Grief; Death; Rituals.

¹ Psicóloga formada pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário Metodista do IPA. E-mail: edienewendt@hotmail.com

² Pós-Doutor em Linguística pela UFRGS. Psicólogo. Professor do Curso de Psicologia no Centro Universitário Metodista do IPA. Professor do Curso de Psicologia da Faculdade Dom Bosco de Porto Alegre. E-mail: joaotrois@yahoo.com.br

Introdução

Ariès (2014) foi enfático ao afirmar que surgiu uma forma absolutamente nova de morrer no século XX. Ele chamou essa nova compreensão de “morte interdita” ou “morte selvagem”. Diferentemente do que acontecera durante séculos, quando moribundos eram rodeados de familiares, amigos, vizinhos em seu leito de morte, os rituais fúnebres reuniam toda a comunidade e o período de luto era marcado por muitas visitas. Atualmente a sociedade já não faz pausas. As pessoas, em grande parte, morrem em hospitais. Familiares, muitas vezes, não vêem a morte de seus entes queridos, assim os rituais de despedidas não acontecem. Além disso, evita-se falar sobre a morte e cria-se uma série de mentiras em torno da enfermidade e da morte. Há rejeição e supressão do luto. Procura-se fazer tudo continuar de maneira sempre igual, como se nada tivesse acontecido.

As crianças são afastadas ou não são informadas sobre a morte, mesmo que seja de um ente querido muito próximo. Às vezes é dito para elas “que o pai partiu em viagem, ou ainda que Jesus o levou; Jesus tornou-se uma espécie de Papai Noel, de que se servem para falar às crianças da morte, sem acreditarem nele”. (Ariès, 2014, p. 777).

O pensamento de que é saudável poupar as crianças da dor da perda, da exposição aos rituais fúnebres, dos diálogos sobre a morte, é muito recorrente na atualidade. Porém, segundo Walsh (1998, p. 27), “nas sociedades ocidentais antes do presente século, as pessoas morriam em casa e mesmo as crianças não eram protegidas da visão e dos cheiros da morte”.

Diante das referidas transformações ocorridas e da necessidade de reflexão sobre os efeitos gerados, o presente artigo reúne argumentos sobre a importância da inclusão de crianças nos funerais e demais espaços de escuta e diálogo dentro do âmbito familiar e escolar, a partir de uma comunicação clara, sensível e objetiva sobre a morte de um ente querido.

Método

A pesquisa caracteriza-se pela abordagem qualitativa, examinando aspectos da realidade que não podem ser quantificados, como: motivos, crenças, valores, atitudes, entre outros e, enfatiza a subjetividade como meio para compreender e interpretar as experiências (Gerhardt e Silveira, 2009). Quanto aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza como revisão da literatura. Concernente aos seus objetivos, classifica-se no grupo de pesquisa exploratória. Sobre o caráter das pesquisas exploratórias, Gil afirma que “têm, como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2010, p. 20).

Os tabus sobre a morte na atualidade

Para Kovács (2021) ao mesmo tempo em que há atualmente a interdição da morte na sociedade, incluindo as crianças, há também o encarceramento dela, que invade e penetra a vida das pessoas, deixando-as expostas e sem defesas, como: noticiários, morte violenta, acidentes, entre outros. É um grande paradoxo. As crianças são poupadas de ir a velórios e sepultamentos, com o intuito que sejam poupadas do sofrimento, porém, assistem aos programas extremamente violentos na televisão, onde a morte é tratada como coisa banal. Kovács salienta ainda que, no presente século, com a ascensão dos meios de

telecomunicações, internet e redes sociais, a morte tem se tornado cada vez mais presente em nossas vidas, uma companheira diária, embora, reine uma conspiração do silêncio em torno dela. “Observam-se pais que não sabem se devem falar sobre a morte de um parente próximo; professores diante de perguntas insistentes sobre mortes de ídolos, de pequenos companheiros ou de amigos [...]” (Kovács, 2021, p. 4). A autora afirma que até mesmo os profissionais da saúde encontram dificuldades para falar com seus jovens pacientes e familiares sobre agravamentos de doenças e a iminência da morte.

No entanto, segundo Kovács (2021), a inabilidade, por parte das pessoas adultas, no manejo das questões relacionadas à morte é prejudicial para as crianças, que não encontram espaço propício para expressar suas emoções.

Os impactos psíquicos sofridos pelas crianças privadas de oportunidades de elaboração do luto

Lima (2007) afirma que a sociedade contemporânea parte do pressuposto de que a criança é incapaz de compreender a morte e que tudo o que diz respeito a ela é nocivo ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. No entanto, o que as literaturas apontam, bem como as evidências clínicas, contrapõem essa suposição e demonstram que as consequências de esconder a morte podem ser drásticas. Assim, o processo de adaptação à morte torna-se ainda mais difícil. Segundo Torres (1999), o desenvolvimento da criança pode sofrer prejuízos evidentes se houver silenciamento sobre a morte. Essa afirmação encontra apoio em Ariès (1977, *apud* Lima, 2007, p.20), ao destacar que “o recalcamento da dor, a interdição da sua manifestação pública e obrigação de sofrer só e às escondidas agrava o traumatismo devido à perda de um ente querido”.

Para Kovács (1992), há uma negação da realidade da morte, que se torna evidente nos rituais, que se empenham em ocultá-la e disfarçá-la como se não existisse. Crianças são distanciadas do seu cenário. “Esta supressão do processo de luto traz sérias consequências do ponto de vista psicopatológico. Sabe-se que muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas com um processo de luto mal elaborado” (Kovács, 1992, p. 151).

Raimbault (1979) relata uma triste história de dois irmãos gêmeos, cujos nomes eram Jean e Jacques. Ambos tinham a saúde frágil. Aos quatro anos de idade, Jean faleceu. Com o intuito de proteger Jacques, a morte de Jean não lhe foi comunicada. O irmão gêmeo desapareceu, assim como todos os seus objetos e fotografias, o que desencadeou em Jacques um estado depressivo, regressão de aquisições verbais e sociais, entre outros sintomas. Ele não encontrou condições favoráveis para a elaboração do luto, vindo a falecer aos cinco anos de idade.

A morte provoca sofrimentos, angústias, dúvidas, entre outros sentimentos que devem encontrar espaços de expressão. Afastar as crianças das conversas sobre a morte, dos rituais fúnebres, das visitas aos cemitérios, pode ser o caminho menos ansiogênico para os adultos, no primeiro momento. No entanto, as crianças, quando privadas de tais oportunidades, poderão desenvolver sofrimentos psíquicos, que as acompanharão, inclusive, na vida adulta (Lima, 2007).

Sadock e Sadock (2007) corroboram esse pensamento afirmando que os pais que tendem a proteger os filhos do conhecimento da morte, ao invés de beneficiá-los, podem favorecer que se desenvolvam neles temores irracionais.

Em relação aos funerais, os autores salientam que não há uma regra rígida sobre a participação ou não das crianças. Se há desejo ou recusa em participar, por parte da criança, isso deve ser respeitado. No entanto, “na maioria das circunstâncias, provavelmente é melhor encorajá-la a tomar parte, para que o ritual não seja envolvido em uma fantasia ou em um mistério assustador e distorcido” (Sadock e Sadock, 2007, p. 83).

Mariotto (2020) afirma que ao falarmos sobre a morte com as crianças, devemos estar cientes de duas questões: 1) a criança é um sujeito que possui desejo, singularidade e modo de pensar. Portanto, precisa ser respeitada. Ela precisa de liberdade para falar sobre sua experiência de luto e tomar a decisão de participar ou não dos ritos fúnebres; 2) a linguagem deve ser adaptada. É importante haver um diálogo transparente e aberto sobre a morte com as crianças, sem que haja necessidade de entrar em alguns detalhes, especialmente ao tratar-se de mortes violentas.

Para Mariotto (2020), [...] “quanto menos tessitura discursiva a criança tiver, mais difícil será encontrar uma forma de representação/elaboração dessa experiência, mantendo-a num sofrimento mudo, interminável e intransponível” (Mariotto et al., 2020, p. 21). Ou seja, “[...] o que a boca não fala, a angústia diz” (p. 133). Mariotto também cita a afirmação de Lacan de que “Aquilo do que o sujeito não pode falar, ele grita por todos os seus poros” (p. 96). Ou seja, o conteúdo que não é expresso em palavras torna-se sintoma. “A Psicanálise compreende esse mecanismo como uma falha no simbólico, onde o sujeito responde no real” (Mariotto et al., 2020, p. 213). Os autores ainda salientam que os sintomas causados pelo luto precisam de tempo para serem elaborados, sendo que na atualidade, na tentativa de extirpar o sofrimento, recorre-se frequentemente à medicalização do luto, ao invés de elaborá-lo e criar possibilidades do sujeito se reconstruir.

O silenciamento também é muito nocivo no caso de a criança estar gravemente enferma e não encontrar espaços de expressões de seu próprio luto. Raimbault cita um exemplo de uma criança de sete anos de idade que diz: “As palavras ficam dentro da gente, e isso faz mal” (Raimbault, 1979, p. 17). A autora segue dizendo que: “Se a criança não encontra ninguém capaz de ir ter com ela, se só se depara com o silêncio ou a mentira, também ela se cala” (Raimbault, 1979, p. 19).

A compreensão da morte a partir das etapas do desenvolvimento

Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 2) afirmam, a partir das teorias psicanalíticas de Freud e Melanie Klein, que “o luto é caracterizado como uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto, um fenômeno mental natural e constante no processo de desenvolvimento humano”. Dando sequência à teoria, as autoras afirmam:

A perda de algum objeto amado traz, ainda que momentânea, a fragmentação e desestruturação do sujeito [...] o luto é um processo de reconstrução e reorganização diante de uma perda, desafio psíquico com o qual o sujeito tem de lidar (Cavalcanti, Samczuk e Bonfim, 2013, p. 17).

Walsh (1998) defende que as reações das crianças à morte dependem do seu estágio de desenvolvimento cognitivo, do modo como os adultos lidam com elas no que diz respeito à morte e do vínculo afetivo com a pessoa falecida.

Algumas pesquisas foram realizadas com o intuito de indicar o nível de compreensão cognitiva sobre a morte a partir das fases do desenvolvimento. Kovács (1992) cita algumas destas pesquisas. Uma delas foi realizada por Nagy, pesquisadora pioneira no assunto, que estudou 378 crianças húngaras de 3 a 10 anos de idade, fazendo uso de desenhos e palavras para verificar como as crianças lidam com o conceito de morte. Os resultados indicaram que as crianças de 3 até 5 anos não têm noção de morte como definitiva. Elas a percebem como temporária, podendo ser reversível. A morte é associada ao sono ou separação. Já as crianças de 5 até 9 anos de idade tendem a personificar a morte, como alguém que vem buscar a pessoa. A criança consegue perceber a morte como irreversível, mas não como universal. Entre 9 e 10 anos de idade, a criança compreende a morte como universal e que acontece dentro do corpo e faz cessar as atividades. Outra pesquisa foi realizada por Koocher, que estudou 75 crianças, a partir de quatro perguntas em relação à morte. Constatou três níveis de compreensão de acordo com os estágios do desenvolvimento elaborados por Piaget.³ O primeiro, ligado ao período pré-operacional, no qual as crianças demonstraram raciocínios fantasiosos e mágicos. O segundo nível, ligado ao período das operações concretas, no qual as crianças demonstraram pensamentos que incluem infligir a morte. O terceiro nível, relacionado ao período de operações formais, é caracterizado com explicações mais abstratas, reconhecimento da morte como fenômeno natural, consciência de que o corpo sofre decomposição, nomeação das causas da morte. Outra pesquisa foi realizada por Torres, no Rio de Janeiro, com 183 crianças de 4 a 13 anos de idade, também a partir da teoria do desenvolvimento piagetiano. Os resultados encontrados foram: a. Período pré-operacional. As crianças não fazem distinção entre seres inanimados e animados e têm dificuldades para perceber uma categoria de elementos inorgânicos que, portanto, não vive e não morre. As crianças não negam a morte, mas é difícil separá-la da vida, atribuem a fatores externos a impossibilidade de viver. Não percebem a morte como definitiva e irreversível. b. Período das operações concretas. As crianças distinguem entre seres animados e inanimados, mas não dão respostas lógico-categoriais de causalidade da morte, buscam aspectos perceptivos como a imobilidade para defini-la, mas ela já é percebida como irreversível. Período das operações formais. As crianças reconhecem a morte como um processo interno, implicando em parada de atividades do corpo. Percebem-na como universal, podendo dar explicações lógico-categoriais e de causalidade. A morte é definida como parte da vida.

Embora a observância do nível de desenvolvimento cognitivo da criança seja muito importante em uma abordagem sobre a morte e o luto, segundo Lima (2007), não há consenso entre os teóricos do desenvolvimento sobre a compreensão da morte por parte de uma criança. Há os que defendem a tese de que a criança, já no período sensório-motor, 0 a 2 anos, descobre a morte através de suas experiências como dormir e acordar, ausência temporária de cuidadores, dentre outras formas. Há os teóricos, no entanto, que consideram que a criança antes de dois anos de idade não tem nenhuma compreensão da morte. Lima (2007), quando aborda as divergências entre os teóricos, salienta que há pesquisas que não restringem a compreensão da morte pela criança à idade cronológica, mas consideram, além desta, o nível do desenvolvimento global.

³ Estágios do Desenvolvimento, segundo Piaget: Sensório-Motor: 0 a 2 anos; Pré-Operacional: 2 a 7 anos; Operatório Concreto: 7 a 11/12 anos; Operatório Formal: a partir de 12 anos.

Ainda segundo Lima (2007), as próprias palavras da criança permitem que se estabeleça um diálogo sobre a morte e que se formulem questões junto com ela. É importante permitir que a criança estabeleça o tom e o ritmo da conversa. Isso demonstra respeito pelo seu nível de desenvolvimento, fazendo uso de linguagem acessível e servindo-se de elementos facilitadores, como: filmes, desenhos animados, literatura infantil, entre outros.

Segundo Mariotto et al. (2020), as crianças desenvolvem sua concepção de morte a partir de pessoas de referência, bem como da natureza, “como a morte do pequeno inseto, o ver secar uma planta ou morrer um animalzinho [...]” (Mariotto et al., 2020, p. 91).

Para Mariotto, tomar conhecimento da morte não é compreendê-la de maneira lógica, “mas conseguir dar um destino simbólico – com a ajuda do imaginário” – às quedas vividas diante disso: do Outro encarnado, do ideal e de si mesmo” (Mariotto, 2020, p. 29). Ainda para a autora, a cultura, as artes, a família e o analista oferecem recursos, materiais significantes, para que a criança construa sua própria verdade ficcional.

O tema da morte nas escolas

Para Kovács (2021), as crianças passam muito tempo da vida no ambiente escolar, levando consigo as suas experiências e sofrimentos relacionados à morte. Deste modo, é imprescindível que o tema da morte seja incluído na programação das escolas, seja como disciplina ou como espaço de acolhimento, discussão ou reflexão, com alunos e educadores. Parcerias entre escolas e universidades, com vista a instrumentalização dos educadores são muito valiosas. Ela cita como exemplo o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) que, através do Laboratório de Estudos Sobre a Morte (LEM), disponibiliza atividades para educadores, tais como: oferta da disciplina “Psicologia da Morte”; módulos específicos de como falar com uma criança enlutada; facilitação do processo de luto quando ocorre a morte de colegas, professores e funcionários da escola; integração de crianças com câncer ou outras doenças graves; preparação de atividades pedagógicas sobre o tema da morte; preparação dos professores para uso de filmes e vídeos sobre o tema; oferta de plantão psicológico para educadores, entre outras.

Os educadores exercem uma influência muito significativa na vida de seus alunos. Logo, é fundamental que oportunizem espaços para emoções e sentimentos, que favoreçam uma boa comunicação, que estejam atentos aos possíveis sinais de luto complicado, ajudando no encaminhamento das crianças aos profissionais especializados. Os sinais podem ser mudanças de comportamentos, quedas de rendimentos, comportamentos autodestrutivos, faltas, entre outros (Kovács, 2012).

A importância da ficção nos processos de simbolização da criança

Para Mariotto et al. (2020) para elaborar o luto, dando um sentido simbólico a ele, se faz necessário a ajuda do imaginário. Alguns materiais podem auxiliar na construção da verdade ficcional da criança. Citando Freud, Mariotto (2020) destaca a relevância das brincadeiras, que são semelhantes aos poemas. Elas criam um universo cheio de afetividade por meio das fantasias.

Para Freud, as fantasias e a realidade são suplentes uma da outra, não são mundos opostos. Ao brincar, “[...] a criança situa as coisas do mundo em

uma nova ordem, como um poema. Com suas criações, ambos trazem para a cena a subjetividade” (Mariotto et al., 2020, p. 127). Os autores ainda afirmam (2020, p. 213) que “No caso da criança, é o lúdico que vai ser o veículo de elaboração do luto, onde esse afeto será trabalhado no brincar, rabiscado no papel, colocado nos jogos e, por incrível que pareça, na associação livre [...]”.

Lima (2007) aponta que pode ser relevante fazer uso de fotografias para ajudar as crianças pequenas a lembrar de seus entes perdidos.

Kovács (1992, p. 50) afirma que “o processo de luto está finalizado quando existe a presença da pessoa perdida internamente em paz, e há um espaço disponível para outras relações. A criança pode simbolizar esta ausência/presença, através de jogos e brincadeiras.”

Lima (2007) adverte que é fundamental que os adultos leiam os livros infantis ou assistam os filmes e desenhos junto com as crianças, estando disponíveis para o diálogo a respeito dos conteúdos deles. Não se deve deixar a criança sozinha ou desassistida diante de um tema tão complexo e doloroso.

Como os adultos podem possibilitar a elaboração do luto infantil

A psiquiatra suíça Kluber-Ross (1985), grande pioneira no campo de cuidados paliativos e defensora da inclusão das crianças nas questões relacionadas à morte, afirma que quando as crianças são incluídas nas conversas e nos temores da família enlutada, elas se sentem amparadas em sua dor. Inclusive, elas recebem a oportunidade de crescer e amadurecer, encarando a morte como parte da vida.

Truda (2021) afirma que a criança sente a tristeza da família. Assim sendo, o melhor é incluí-la na dinâmica familiar, encorajá-la a falar sobre o ente querido falecido e permitir que compartilhe e expresse seus sentimentos. Não falar sobre o assunto pode gerar medo e insegurança. “O luto precisa ser vivido e não evitado, por mais difícil que seja” (TRUDA, 2021, s/p.). Se a criança tem oportunidade de fazer perguntas e expressar seus sentimentos no âmbito familiar, se sentirá mais segura e protegida.

Para Walsh (1998) quando os membros da família estabelecem uma comunicação aberta sobre a morte e participam juntos dos rituais culturalmente significativos e que estabelecem transições do ciclo de vida, como ritos funerários e visitas ao túmulo, torna-se mais fácil lidar com a morte. Segundo a autora, “as tentativas de proteger as crianças ou os membros mais “vulneráveis” desta experiência tendem a tornar o luto mais difícil” (Walsh, 1998, p. 63).

Para Lima (2007), deve ser proporcionado à criança que perdeu um ente querido um espaço de fala e escuta, onde possa expressar e compartilhar seus medos, angústias, fantasias e demais sentimentos em relação ao momento vivido. No entanto, há situações em que os responsáveis diretos estão muito comprometidos emocionalmente pela perda e então se faz necessário que uma pessoa próxima, que tenha preparo para lidar com a situação e que seja alguém em quem a criança confia, assuma esse papel, essa função.

Embora não existam maneiras exatas ou únicas de como abordar o tema morte com as crianças, há orientações que poderão ser de grande relevância, dadas por diversos estudiosos do assunto, que foram resumidas por Torres (1999), tais como, por exemplo, que a comunicação sobre a morte deve acontecer de modo simples, objetivo, direto, fazendo uso da própria linguagem da criança; que deve-se estar atento não apenas às palavras, mas também o que está por trás delas, assim como dar liberdade para a

criança fazer perguntas livremente e não dar explicações além daquelas que a criança está procurando. A criança deve estabelecer seus próprios limites. Deve-se usar tom de voz natural, evitando o sussurro ou explicações muito piedosas; não fazer uso de eufemismos, como: está dormindo; está viajando; foi transferido de hospital; Deus o chamou porque era bom; entre outros. Evitar relacionar doença-hospital-morte, pois a criança poderá relacionar qualquer ida ao hospital com a morte. Compartilhar a fé, quando há crença religiosa, acariciar e abraçar a criança, ser franco e honesto, não escondendo as próprias dúvidas e incertezas. Algumas vezes dizer “não sei” é a única resposta possível.

Considerações finais

Embora, o ser humano esteja inevitavelmente submetido à condição de morte, da própria ou de outras pessoas, compreendê-la, aceitá-la, elaborá-la, não é algo simples e fácil. É necessário dispor de condições internas e externas que possibilitem o sujeito atravessar esse caminho. A forma como a sociedade lida com a morte e o luto, pode favorecer, dificultar ou até mesmo impedir o processo de elaboração do luto.

Dentro de todo esse contexto de dificuldades ou até impossibilidades dos adultos em lidar com a morte e com o luto, as crianças são submetidas a um afastamento e silenciamento ainda mais intensos diante de suas perdas e dores. No entanto, é equivocado pensar que o silêncio em torno da enfermidade, da morte, bem como o uso de eufemismos para comunicá-la, o impedimento da participação nos velórios, rituais fúnebres e visitas aos cemitérios, entre outros, são benéficos às crianças. Para os teóricos citados neste artigo, há uma melhor adaptação da criança à nova realidade de vida, sem a presença do ente querido falecido, quando lhe é oportunizada a livre expressão de seus sentimentos e dúvidas, quando a comunicação sobre a morte é transparente e objetiva, quando lhe é permitida a participação nos rituais de despedida, entre outros.

Calar-se sobre a dor não é o caminho que conduz a elaboração do luto. Se os sentimentos não encontram oportunidades para serem simbolizados e elaborados através da fala, das artes, do brincar, dos desenhos, entre outros, irão se manifestar de outras formas, incluindo, os transtornos psicossomáticos. Ao encontrar condições favoráveis para sua elaboração, o luto chega a um fim espontâneo.

É evidente, conforme os estudos realizados, que as crianças têm concepções diferentes sobre a morte, de acordo com o nível de desenvolvimento em que se encontram. Quando menores, a concebem como algo fantasioso, mágico, reversível. À medida que crescem passam a concebê-la como definitiva, irreversível. É fundamental que as pessoas adultas consigam identificar o nível de desenvolvimento da criança enlutada, a fim de oferecer a ela o suporte, a comunicação, os recursos mais adequados para aquele momento. No entanto, em todos os níveis de desenvolvimento a criança pode e deve participar dos processos de morte e luto da família.

Crianças muito pequenas já podem participar de rituais fúnebres, embora naquele momento elas não compreendam a morte como definitiva. Provavelmente, se os adultos permitirem, elas irão brincar com outras crianças. Ajudar a criança a elaborar a morte pode ser um exercício, desde a tenra idade, quando lhe é dada a oportunidade de sepultar um animalzinho que faleceu. Em relação às crianças maiores, especialmente as que nunca participaram de um ritual fúnebre, considera-se importante conversar a respeito do que irá acontecer e até estimulá-las a participar. No entanto, considera-se também importante que elas expressem a sua vontade, de participar ou não, e que essa vontade seja respeitada.

Ao invés de retirar as crianças das cenas da morte e do luto, considera-se mais adequado ampará-las, ouvi-las, inclui-las, autorizá-las, dar-lhes as mãos e atravessar o caminho escuro e doloroso juntos. Assim, elas terão as condições necessárias para um dia chegarem ao fim do caminho, tendo substituído os objetos perdidos por novos objetos.

Referências

- Ariés, P. (1977) *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariés, P. (2014) *O homem diante da morte*. São Paulo: UNESP.
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo informação*, 17(17), 87-105. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&tlng=pt
- Dantas, C. de R. et al. (2020). O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 23(3), 509-533. Recuperado de <https://www.scielo.br/lj/rfp/a/SgtgR9x-SwqBSYjr5Mm3WSwG/format=pdf&lang=pt>.
- Franco, M. H. P. (2021) *O luto no século 21: Uma Compreensão Abrangente do Fenômeno*. São Paulo: Summus.
- Freud, S. Sobre a Transitoriedade (1996) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira*. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T. (Org.). (2009) *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS,
- Gil, A. C. (2010) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Kovács, M. J. (1992) *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2021) *Educação para a Morte: Quebrando Paradigmas*. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora.
- Kovács, M. J. (2012) Educadores e a Morte. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1) 71-81.
- Kubler-Ross, E. (1985) *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes.
- Lima, W. R. (2007) *Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança*. 2007. 191f. Dissertação Mestrado- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Lione, F. R. (2005) Sobre as vivências dos irmãos da criança com câncer. In: E. Perina & N. A. G. Nucci (Orgs.) *As dimensões do Cuidar em psico-oncologia pediátrica*. Campinas: Livro Pleno.
- Marconi, M. de A., Lakatos, E.M. (2010) *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- Mariotto, R. M. M.; Mohr, A. M. (Orgs). (2020) *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos*. Salvador: Ágalma.
- Raimbault, G. (1979) *A criança e a morte: crianças doentes falam da morte*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- Sadock, B. J.; Sadock, V. A. (2007) *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 9 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Torres, W. da C. (1999) *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Truda, S. L. (2021) E quando a Criança nos pergunta sobre a morte? *Jornal Digital GZH*. Recuperado de: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2021/05/e-quando-a-crianca-nos-pergunta-sobre-a-morte-ckp2yd8k2001d018mygoe38u2.html>.
- Walsh, F.; McGoldrick, M. (1998) *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.